

Móia, Telmo

A supressão de preposições argumentais antes de orações interrogativas indiretas no português europeu padrão contemporâneo

Études romanes de Brno. 2024, vol. 45, iss. 4, pp. 128-151

ISSN 2336-4416 (online)

Stable URL (DOI): <https://doi.org/10.5817/ERB2024-4-7>

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/digilib.81317>

License: [CC BY-SA 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

Access Date: 20. 02. 2025

Version: 20250219

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

A supressão de preposições argumentais antes de orações interrogativas indiretas no português europeu padrão contemporâneo

Preposition Omission before Indirect Questions in Contemporary Standard European Portuguese

TELMO MÓIA [tmoia@letras.ulisboa.pt | telmomoia@gmail.com]

Universidade de Lisboa, Portugal

RESUMO

Este artigo discute a utilização de preposições argumentais, principalmente *de* e *sobre*, antes de orações interrogativas subordinadas com a função de complemento, examinando a tendência, discutida na literatura, para a sua supressão. São considerados três tipos de orações: interrogativas polares, interrogativas-Q com constituintes interrogativos não preposicionados e interrogativas-Q com constituintes interrogativos preposicionados. Trata-se de uma área crítica no registo escrito – neutro ou formal – do português europeu contemporâneo, sem consenso universal entre os falantes quanto à plena aceitação de algumas combinações. Partindo das discussões na literatura, a questão será reavaliada com a consideração de dados (principalmente) de texto jornalístico português. A análise envolve na essência questões que podem ser consideradas do plano estilístico, já que não parece haver estrita agramaticalidade em nenhuma das grandes combinações em apreço, sendo algumas das menos usadas (e porventura evitadas no registo em causa) extremamente comuns em registos orais mais informais.

PALAVRAS-CHAVE

Interrogativas indiretas; preposições; variação linguística

ABSTRACT

This paper discusses the use of argumental prepositions, mainly *de* ‘of’ and *sobre* ‘about’, before subordinate interrogative clauses, used as complements, examining the tendency – discussed in the literature – to suppress them. Three different types of interrogatives will be considered: yes-no questions, wh-questions headed by an interrogative morpheme, and wh-questions headed by a preposition. These constructions represent an unstable area in the (neutral or formal) written registers of contemporary European Portuguese, with no universal consensus among speakers as to the full acceptance of some combinations. Starting with discussions in the literature, the issue will be reassessed with corpus data (mainly) from Portuguese newspaper texts. The analysis considers predominantly stylistic issues, since there seems to be no strict ungrammaticality in any of the major combinations surveyed, although some are infrequently used (and

perhaps actively avoided) in the mentioned written registers, while being very frequent in more informal oral registers.

KEYWORDS

Indirect questions; prepositions; language variation

RECEBIDO 2024-03-18; ACEITE 2024-05-07

Este trabalho foi financiado com verbas do projeto estratégico do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa UIDB/00214/2020.

1 Introdução

1.1 Apresentação da questão gramatical a analisar

Tem sido salientada na literatura a forte tendência que existe em português, mesmo em registos escritos mais ou menos formais, para suprimir preposições argumentais antes de orações interrogativas indiretas com a função de complemento (de verbo, de nome ou de adjetivo) – veja-se em particular Peres & Móia (1995) e Barbosa (2013). Assim, a par de frases como (1)-(3), por exemplo, encontramos frequentemente sequências idênticas sem a preposição *de*, nos dois primeiros exemplos, ou *sobre*, no último exemplo:

- (1) Todos se lembram *de* como era a situação anteriormente.
- (2) Tudo depende *de* quão empenhados os políticos estiverem.
- (3) É cedo para responder à pergunta *sobre* se vai haver greve (ou não).

Como veremos, a tendência para a omissão é mais forte com a preposição *de* do que com a preposição *sobre*, ainda que também se verifique com esta. Peres & Móia (1995: 89-108) dedicam bastante atenção a estas construções, que consideram uma área especialmente crítica da língua. Barbosa (2013: 1873, 1890-1891) discute com pormenor as restrições de uso da preposição argumental *de* antes de interrogativas indiretas complemento. Farei uma breve comparação das posições destes autores adiante, já que os seus juízos nem sempre são coincidentes.

Interessa salientar desde já que há bastante variação – e por vezes hesitação – nos juízos dos falantes acerca de pelo menos algumas das construções em causa. Adicionalmente, colocam-se interessantes questões de registo. Observa-se, em particular, que, no registo escrito mais formal, os falantes parecem evitar algumas construções com omissão de preposições, porventura bastante comuns e não questionadas na oralidade. O foco deste trabalho será apenas o registo escrito (neutro ou formal) do português europeu. Para obtenção de dados relevantes, analisei, de forma sistemática, o *corpus* de texto jornalístico português CETEMPúblico, que tem cerca de 195 milhões de palavras. Considerarei ainda – de forma mais casual, e meramente para exemplificação

– traduções contemporâneas de texto ficcional ou de divulgação científica publicadas em Portugal, representativas de um registo com um grau de formalidade afim. Finalmente, tive em conta exemplos do *corpus* de texto literário Vercial – com cerca de 14 milhões palavras, de autores portugueses dos séculos XVI a XX –, que é mais variado em termos de registo, na medida em que integra também muitas sequências com discurso direto (isto é, representativas do registo oral informal). A consideração de dados deste *corpus* deve-se à relevância, amplamente reconhecida, do texto literário na definição do que é aceite como padrão.

O presente estudo pode ter algumas aplicações interessantes, nomeadamente no âmbito da tradução. Com efeito, perante a existência de variações nos juízos dos falantes acerca da aceitabilidade de algumas das construções, poderá ser útil considerar a existência de alternativas consensuais, especialmente para determinados fins, como a publicação de texto traduzido, onde a recetividade dos leitores é um fator a considerar. Curiosamente, em construções do inglês comparáveis às que aqui se discutem, observa-se aparente variação livre, mesmo em texto escrito formal, entre o uso e a supressão de preposições antes de interrogativas complemento (cf. Huddleston 2002).¹ Sendo a omissão da preposição especialmente frequente em inglês², o tradutor poderá querer ponderar se a opção mais adequada (em registos neutros ou formais) é a que “imita” a língua inglesa ou a que segue os padrões mais comuns de realização no português (europeu), que descreveremos adiante. Vejam-se alguns exemplos, extraídos do British National Corpus (BNC), em cuja tradução se poderá considerar o uso de *depende de quem* ou *depende quem*, para (4), e *dúvida de/sobre se* ou *dúvida se*, para (5).

- (4) a. “«It *depends who* he is», said Dalziel thoughtfully.” (BNC, GUD)
 b. “But it all *depends on who* your new manager is.” (BNC, A9R)
- (5) a. “There was some *doubt whether* another child had pushed him or not.” (BNC, K8V)
 b. “There is some *doubt about whether* such a system is the most effective.” (BNC, FAU)

No estudo da realização *vs.* omissão de preposições argumentais antes de orações interrogativas subordinadas, é fundamental ter em conta certos parâmetros gramaticais. Destaco três. Em primeiro lugar, as preposições que precedem as interrogativas indiretas, que são principalmente *de* e *sobre*; não tendo estas preposições um comportamento exatamente do mesmo tipo, serão analisadas em secções separadas (secções 3 e 4). Em segundo lugar, o subtipo de oração interrogativa, interessando distinguir, numa primeira fase, interrogativas polares de interrogativas-Q e, numa segunda fase, dentro das interrogativas-Q, se há ou não preposição no constituinte interrogativo (sobre estas distinções, cf. e.g. Brito 2003 ou Barbosa, Santos & Veloso 2013);³ as três

1 Huddleston (2002: 978-979) observa que, em inglês, a opcionalidade de realização da preposição apenas se verifica nalguns casos – e.g. *they can't agree (on) who is the best person for the job*; noutros, a preposição não pode ser omitida – e.g. *he is anxious about whether he should accept their offer or not*; noutros ainda, há diferenças de interpretação se houver omissão – e.g. *she asked {about what ≠ what} changes they were planning to introduce*.

2 Por exemplo, a sequência *sure about who/what* tem 11 registos no BNC, enquanto *sure who/what* tem 524, em claro contraste com o CETEMPúblico, onde *seguro/certo de quem/do que* tem 28 registos e *seguro/certo quem/o que* não tem nenhum registo.

3 As interrogativas-Q são por vezes designadas “interrogativas pronominais”; porém, elas integram expressões que a tradição gramatical não classifica como pronomes, em particular *quão* (além de *quanto* adverbial e dos quatro

combinações em avaliação, analisadas em subsecções autónomas de cada uma das secções 3 e 4, são, pois: (i) preposição exterior adjacente à conjunção integrante, em interrogativas polares (e.g. *de se, sobre se*); (ii) preposição exterior adjacente ao morfema interrogativo, em interrogativas-Q (e.g. *de/sobre quem*); (iii) preposição exterior adjacente a uma preposição no interior do constituinte relativo, em interrogativas-Q (e.g. *de a quem, sobre com quem*). Em terceiro lugar, mas possivelmente com menor impacto, importa distinguir os vários predicados que selecionam as interrogativas (e.g. *depende de, questionar-se sobre, dúvida de/sobre*).

Os casos que envolvem constituintes interrogativos preposicionados são especialmente interessantes, porque os números de ocorrências de preposições contíguas, ambas realizadas (e.g. *depende de a quem perguntas*) ou uma suprimida (e.g. *depende a quem perguntas*), são excepcionalmente baixos. Nestes casos, interessa observar as alternativas maioritariamente escolhidas pelos falantes, que, como veremos, são estruturas interrogativas sem morfemas-Q explícitos, denominadas “interrogativas encobertas” na literatura (“concealed interrogatives”, Baker 1968) – e.g. *depende da(s) pessoa(s) a quem perguntas*. O assunto será discutido com algum pormenor na secção 5.

1.2 Metodologia

De modo a realizar pesquisas sistemáticas e contagens de ocorrências, pertinentes para se ponderarem opções estilísticas com boa informação, optei por fazer neste trabalho uma seleção de predicados e expressões predicativas complexas, num total de quinze, representativos das várias situações relevantes. Passo a explicar com mais detalhe algumas questões da metodologia de pesquisa e análise dos dados.

Para as combinações com a preposição *de*, discutidas na secção 3, selecionei nove expressões predicativas que regem apenas esta preposição canonicamente: um predicado verbal não intrinsecamente pronominal – *depende*; três predicados verbais intrinsecamente pronominais – *lembrar-se, esquecer-se, aperceber-se*; três expressões predicativas de base nominal – *fazer (a mínima) ideia, ter (a mínima) ideia, ter (ADV) a certeza*; dois predicados adjetivais – *certo, seguro*. Para as combinações com a preposição *sobre*, discutidas na secção 4, selecionei seis expressões predicativas, divididas em dois grupos: duas que selecionam apenas a preposição *sobre* – *questionar [SN], interrogar [SN]*; quatro que admitem ambas as preposições argumentais, *de* e *sobre* – *informar [SN], dúvida, pergunta, questão*.

De modo a ter um volume de dados maneável, impuseram-se várias limitações às pesquisas no CETEMPúblico. Procuraram-se apenas, como uma exceção, orações interrogativas estritamente adjacentes aos predicados que as selecionam, sendo contabilizados, por exemplo, *não fazer ideia de qual* ou *depende de quem*, mas não – por haver um advérbio interveniente – *não fazer mesmo ideia de qual* ou *depende verdadeiramente de quem*; a exceção foi *ter a certeza*, em que foi admitido um advérbio interveniente entre *ter* e a *certeza* (e.g. *ter bem a certeza, não ter sequer a certeza*). No caso dos verbos *informar, questionar e interrogar*, o requisito de adjacência absoluta

advérbios interrogativos *onde, como, quando e porque*). O termo “interrogativas pronominais-advérbiais” seria por isso talvez mais adequado. Por ser mais curto, e transparente para o público familiarizado com as questões gramaticais em análise, usarei aqui o termo “interrogativas-Q”, contrapartida do inglês “wh-questions”.

limita muito os números obtidos, já que não são captados os exemplos com SNs (complementos diretos) explícitos entre os verbos e o argumento interrogativo – e.g. *informou* o ministro *de quais eram os problemas*. Assim, os números dos quadros apresentados adiante não correspondem à totalidade dos registos das quinze expressões predicativas selecionadas, no CETEMPúblico, apenas à totalidade dos registos nas condições de adjacência referidas.

Todos os excertos de *corpora* resultantes das pesquisas foram analisados individualmente para garantir que apenas eram consideradas (e contabilizadas nos quadros) as instâncias relevantes dos predicados em causa.⁴ O número total de interrogativas de *corpora* analisadas para este trabalho é 5.022 – cf. Quadros 1 a 6 (a que se somam 300 interrogativas encobertas – cf. Quadro 7).

2 Supressão de preposições argumentais antes de interrogativas indiretas na literatura – Peres & Mória (1995) vs. Barbosa (2013)

Na literatura gramatical, discutem-se principalmente os casos que envolvem interrogativas dependentes da preposição *de*. Cotejarei aqui os juízos de Peres & Mória (1995) e Barbosa (2013), que não são totalmente coincidentes, sobre os três principais contextos em que *de* pode preceder uma oração interrogativa indireta complemento (de verbo, de nome ou de adjetivo), a saber: interrogativas polares, interrogativas-Q com constituinte interrogativo não preposicionado e interrogativas-Q com constituinte interrogativo preposicionado.

Começemos pelas interrogativas polares, que são encabeçadas pela conjunção integrante *se*. O uso da preposição *sobre* antes de interrogativas polares – como em (8) – é consensual, não colocando grandes dúvidas aos falantes. O mesmo não acontece com a preposição *de*. A presença desta preposição antes de interrogativas polares é, tanto para Peres & Mória (1995: 95) como para Barbosa (2013: 1873, 1874-1875), geradora de agramaticalidade⁵ (e creio que tanto na escrita como na oralidade ela quase nunca ocorre). Peres & Mória (1995) divergem de Barbosa (2013) principalmente no estatuto das construções com omissão de *de*: Barbosa aceita-as bem (“OK”),⁶ mas Peres & Mória observam que elas “são consideradas algo marginais por bastantes falantes”, analisando construções com *não estar certo se* ou *não ter a certeza se* numa secção de “usos irregulares” (cf. pp. 102ss.). Observem-se as marcações de gramaticalidade dos autores citados nos exemplos a seguir:

4 No caso dos predicados verbais *lembrar-se* e *esquecer-se*, apenas foram consideradas as formas intrinsecamente pronominais, em que a interrogativa tem claramente uma função oblíqua não acusativa. No caso dos predicados verbais *informar*, *questionar* e *interrogar*, apenas foram consideradas as construções em que está explícito o complemento direto (tipicamente clítico, reflexo ou não) ou há um sujeito passivo nominal, de modo a que a oração interrogativa seja necessariamente interpretada como tendo uma função oblíqua não acusativa. No caso dos predicados adjetivais e nominais, apenas foram consideradas as orações interrogativas na função de complemento, não na função de sujeito (que são irrelevantes para as questões em apreço).

5 No caso de complementos de nomes e adjetivos, Barbosa (2013) considera o uso da preposição *de* apenas muito marginal (sinalizando-o com “??”, não com “*”).

6 Barbosa, Santos & Veloso (2013: 2536, 2561) também consideram plenamente aceitável o uso de interrogativas polares diretamente como complemento de predicados verbais, nominais ou adjetivais (sem preposição). Exemplos seus: *não há nenhuma certeza se o Luís vem jantar*; *não estou certa se o Luís vem jantar*; *tenho dúvidas se ele consegue entregar o trabalho a tempo*; *estou indecisa se vou ou não jantar fora*; *já me informaram se eles vêm à conferência*.

- (6) O Luís não tinha a certeza {**de se / ?se*} ia ou não acampar. (Peres & Móia 1995: 95)
- (7) Não me informaram ainda {**de se / ^{OK}se*} o avião vem a horas. (Barbosa 2013: 1873)
- (8) Não faço ideia {*??de se / ^{OK}se*} vou ou não ter férias este ano. (Barbosa 2013: 1875)

Vejamos agora as interrogativas-Q com constituinte interrogativo não preposicionado, isto é, em que a preposição *de*, exterior à interrogativa, precede imediatamente o morfema interrogativo: *de* + {*qual / quem / o que / quanto / quão / que [N'] / onde / como / quando / porque*}. A presença de *de* neste contexto é canónica e comum, como reconhecem Peres & Móia (1995) e Barbosa (2013), ainda que os primeiros autores refiram, como *caveat*, que “as construções (...) entraram definitivamente na língua, pese alguma estranheza que possam causar a certos falantes” (p. 96).

- (9) O Luís não tem a certeza *de* qual (é) o hotel em que vai ficar. (Peres & Móia 1995: 96)
- (10) O Luís não {estava *certo* / tinha a certeza} *de* quem lhe tinha pedido o livro emprestado. (Peres & Móia 1995: 96)

A divergência entre Peres & Móia (1995) e Barbosa (2013) está, mais uma vez, no estatuto das construções com omissão de *de*. Barbosa considera-as gramaticais, ainda que com alguns cuidados: “embora a omissão da preposição seja sempre uma possibilidade, pelo menos para a maior parte dos falantes” (p. 1873); “[a preposição] é opcional (...), com alguma variabilidade nos juízos dos falantes, em função do registo, do seu grau de escolarização ou da sua faixa etária” (p. 1891).

- (11) Não me lembro (*de*) *onde* pus a chaves. (Barbosa 2013: 1873)
- (12) Não me lembro (*de*) *quantas* pessoas vêm à festa. (Barbosa 2013: 1873)
- (13) Já te informaram (*de*) *quando* ela chega? (Barbosa 2013: 1890)

Peres e Móia (1995: 107, 118-119) analisam dois excertos com omissão da preposição (*nunca se esquecer* \emptyset_{de} *onde* e *estar certo* \emptyset_{de} *porque*, onde “ \emptyset_{de} ” sinaliza a ausência da preposição), propondo alternativas preposicionadas, que creem plenamente canónicas, ao contrário daquelas (*nunca se esquecer* {*de onde / do sítio onde*}; *estar certo* {*de quais são as razões / das razões*} *por que*). Naturalmente, importa aqui ter em conta a questão do registo escrito *vs.* oral, já que na oralidade a queda da preposição é bastante comum. Observem-se ainda algumas abonações literárias de omissão da preposição nestes contextos, principalmente em discurso direto, isto é, em reprodução do registo oral (da época, mas que não difere do atual, nas questões em apreço):

- (14) “Sabe o senhor o que é uma casa desarranjada, em que ninguém *se lembra onde* tem as suas coisas quando precisa delas [...]?” (Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais*, 1868, in Vercial)

- (15) “Não fazes ideia o que é ver correr quinze dias sem saber o que terá acontecido àqueles a quem nos liga a amizade [...].” (Júlio Dinis, *Inéditos e Esparsos*, 1910, in Vercial)

Para terminar, consideremos as interrogativas-Q com constituinte interrogativo preposicionado, uma situação muito menos frequente que a anterior. Nestes casos, a preposição *de*, exterior à interrogativa, precede imediatamente uma outra preposição, à cabeça do constituinte interrogativo, formando sequências particularmente complexas preposição-preposição-morfema-Q (e.g. *de a quem*, *de para onde*). Barbosa (2013) opina que a preposição *de* não pode ser usada antes de constituintes interrogativos preposicionados, referindo, porém, em nota, que “esta é uma área em que se verifica alguma instabilidade e variação nos juízos, visto que há falantes para quem [frases como *não {faço ideia / estou segura}* de por que *razão desistiram da viagem*] [...] são gramaticais” (p. 1875, n. 29). Por outro lado, a autora parece aceitar bem as construções sem *de*. Eis alguns dos seus exemplos e respetivos juízos de gramaticalidade:

- (16) Ela não se lembra (**de*) a que horas chega o avião. (Barbosa 2013: 1873)
- (17) Não {tenho a certeza / estou certa} (**de*) em que lugar estacionei o carro. (Barbosa 2013: 1875)

Diferentemente, Peres & Móia (1995: 96) – que não se pronunciam diretamente sobre as construções com preposições contíguas – consideram as construções sem *de* muito marginais, afirmando: “as estruturas [sem *de*] em que o constituinte interrogativo é preposicionado parecem ser sentidas como bastante marginais”.

- (18) ??O Luís não {tem a certeza / está certo} {em que hotel vai ficar / com quem vai trabalhar / por que razão o convidaram}. (Peres & Móia 1995: 96)

Mais uma vez, importa considerar a questão do registo escrito *vs.* oral, já que é natural que na oralidade a queda da preposição seja mais comum. Encontrei apenas duas abonações no Vercial de omissão da preposição exterior *de*, curiosamente ambas com apenas o constituinte interrogativo realizado (isto é, na chamada construção de *sluicing* – cf. Ross 1969):

- (19) “Acaba de sair daqui. Não fazes ideia em que desespero.” (Júlio Dinis, *Um Segredo de Família*, 1860, in Vercial)
- (20) “[...] [eu] fazia contos, o primeiro dos quais [...] foi traduzido em Espanha não me lembro por quem, que lhe pôs por baixo o nome dele [...].” (Trindade Coelho, *Os Meus Amores*, 1891, in Vercial)

Não partilho a opinião de Barbosa (2013) sobre a agramaticalidade do uso da preposição *de* antes de constituintes interrogativos preposicionados. Com efeito, encontramos registos de construções deste tipo que parecem plenamente aceitáveis. No CETEMPúblico, fazendo pesquisas de quaisquer duas preposições adjacentes seguidas de um morfema interrogativo, encontramos

pelo menos 28 exemplos, muitos dos quais não creio oferecerem dúvidas de aceitabilidade, como (21) e (22).⁷ A frequência da construção é, em todo o caso, muito baixa.

- (21) “Quanto mais ouvir, melhor. Para poder criar, para ter uma noção do que posso fazer, de até onde posso ir.” (CETEMPúblico, ext680772-clt-94b-2)
- (22) “Ontem, a única dúvida formal prendia-se com o problema de a quem pertence a declaração de incapacidade temporária do chefe de Estado [...]” (CETEMPúblico, ext1377185-pol-96b-1)

No Vercial, encontrei apenas 3 registos de sequências de duas preposições deste tipo, todos em textos relativamente antigos (séculos XVI e XVII): “hauia varios pareceres, & opiniões *de a quem* deixaria ha suçessam do Regno” (Damião de Góis, 1566), “Aquella tarde teue ho VIÇerei conselho *sobre a quem* daria ha coroa” (Damião de Góis, 1566), “quando oramos há de ser pôr os olhos *em a quem* pedimos, e não no que pedimos” (Padre António Vieira, 1686). Ou seja, a construção – que é relativamente “pesada” – parece não ter sido muito explorada pelos nossos autores clássicos.

Peres e Móia (1995) referem que uma boa alternativa estilística a (18) é o uso de interrogativas equativas – com *qual (ser)* – seguidas de SNs modificados por orações relativas com estrutura paralela à das interrogativas em causa:

- (23) O Luís não {tem a certeza / está certo} de {qual é o hotel em que vai ficar / quais são as pessoas com quem vai trabalhar / qual é a razão por que o convidaram}. (Peres & Móia 1995: 96)⁸

Outra hipótese a ponderar – como exploraremos melhor na secção 5 – é o uso das chamadas “interrogativas encobertas” (*sensu* Baker 1968). Trata-se de formas superficialmente coincidentes com SNs, mas de conteúdo proposicional, equivalentes a interrogativas equativas com [_F *qual ser* SN], como as de (23), mas com apagamento de *qual* e do verbo copulativo, ou seja, [_F *qual ser* SN]. Os exemplos de (23) com *ter a certeza* e esta construção ficariam:

- (24) O Luís não tem a certeza {do hotel em que vai ficar / das pessoas com quem vai trabalhar / da razão por que o convidaram}.

Em suma, observamos quatro alternativas de construção: o tipo de (21)-(22) (interrogativa com contiguidade de duas preposições, uma exterior à oração e outra interior a ela), o tipo de (18)-(20) (interrogativa com apagamento da preposição exterior para evitar a contiguidade das duas preposições), o tipo de (23) (interrogativa equativa com *qual*) e o tipo de (24) (interrogativa equativa encoberta). Compararei a prevalência de cada uma destas quatro construções em *corpora* de texto jornalístico na secção 5 deste trabalho.

7 Adicionalmente, há pelo menos mais 68 registos com a preposição *sobre* imediatamente antes de um constituinte interrogativo preposicionado.

8 Peres e Móia (1995) discutem apenas um excerto com esta construção, para o qual propõem alternativas com a preposição realizada (*não ter bem a certeza de qual o século em que* – cf. p. 108).

Antes disso, analisarei genericamente o uso em *corpora* das construções com a preposição *de* e a preposição *sobre*. Cada preposição será analisada numa secção separada (secção 3 e secção 4, respetivamente). Em cada uma destas secções, considerarei primeiro a combinação com interrogativas polares, depois com interrogativas-Q com constituintes interrogativos não preposicionados e finalmente com interrogativas-Q com constituintes preposicionados.

3 Orações interrogativas indiretas dependentes da preposição *de*

Nesta secção, analisarei o uso de orações interrogativas indiretas dependentes de predicados que selecionam a preposição argumental *de* em *corpora* – com especial destaque para o registo jornalístico – e discutirei alternativas não problemáticas para as construções sem aceitação consensual.

3.1 Interrogativas polares indiretas

Muitos falantes parecem evitar – em registos formais – o uso de interrogativas polares indiretas dependentes de predicados que selecionam a preposição *de*, preferindo redigir *não sabemos ao certo se a*, por exemplo, *não temos a certeza (de) se* ou *não fazemos ideia (de) se*. A combinação desses predicados com interrogativas polares é moderadamente frequente no registo escrito jornalístico: um total de 164 registos para os nove predicados selecionados (nas condições de adjacência já referidas), no CETEMPúblico.

	de se	∅ _{de} se
depende	—	18
lembrar-se / esquecer-se / aperceber-se	—	41
fazer/ter (a mínima) ideia	—	20
ter (ADV) a certeza	1	74
certo / seguro	—	11
TOTAL	1	164

Quadro 1. Omissão ou preservação da preposição *de* em interrogativas polares indiretas complemento dependentes de (e imediatamente adjacentes a) predicados verbais, nominais e adjetivais, no CETEMPúblico

Crucialmente, como se pode ver, em todos os registos (exceto num, dado em (25)), há supressão da preposição *de* – cf. (26). Veja-se ainda o exemplo (27), de texto traduzido (de divulgação científica), que usa a estratégia maioritária. É curioso notar que, com predicados nominais que aceitam tanto a preposição *de* como a preposição *sobre* (*dúvida*, *pergunta*, *questão*), a sequência *de se* ocorre com maior frequência, ainda que continue rara, havendo 26 registos dela nas pesquisas realizadas no CETEMPúblico; veremos esta situação particular na secção 4.1 (cf. Quadro 4).

- (25) “[...] era ele que acabava coisas que ela não fora capaz de concluir, pelo que não se pode ter a certeza de se as coisas que ela publicou são integralmente dela.” (CETEMPúblico, ext791212-clt-94b-1)
- (26) “Tudo depende se queremos ou não ter água e um plano de rega no Sul.” (CETEMPúblico, ext515846-nd-95b-1)
- (27) “Não tínhamos realmente a certeza se estávamos à procura de uma única cratera enorme, ou se haveria duas ou mais crateras [...]” (W. Alvarez, *T. Rex e a Cratera da Destruição*, trad. do inglês, Bizâncio, p. 135)

Em texto literário, a construção é relativamente rara. No Vercial, fazendo pesquisas mais alargadas (sem exigir adjacência absoluta dos elementos relevantes), apenas encontrei 8 ocorrências com *lembrar-se se* e 5 com *ter a certeza se* (não havendo ocorrências com os outros predicados) – cf. (28). Mais uma vez, interessa ter em conta o tipo de registo, já que a construção parece comum na oralidade, que é aliás a modalidade que predomina nos exemplos de texto literário encontrados.

- (28) “Álvaro avistara a mulher, [...] reconheceu-a, e não tenho a certeza se lá no íntimo de sua pessoa lhe chamou descarada.” (Camilo Castelo Branco, *Novelas do Minho*, 1877, in Vercial)

É curioso ainda notar que com os predicados de base nominal – *fazer/ter (a mínima) ideia, ter (ADV) a certeza* – e com os predicados adjetivais – *certo, seguro* – se observa, esporadicamente, uma estratégia de construção alternativa, que não parece inteiramente canónica, que consiste em substituir a preposição argumental *de* pela preposição *sobre*, possivelmente motivada pelo facto de a sequência *sobre se* ser regular e frequente (ao contrário da sequência *de se*). Nas pesquisas realizadas no CETEMPúblico, foram encontrados 10 registos desta troca de preposição argumental: 2 de *fazer a mínima ideia sobre se*, 6 de *ter a certeza sobre se* e 2 de *estar certo/seguro sobre se* – cf. (29). Não há qualquer registo destas combinações – potencialmente sentidas como anómalas – no Vercial.

- (29) “Atendeu um telefonema de um tipo que se fez passar por Bernès, mas não tem bem a certeza sobre se era mesmo Bernès.” (CETEMPúblico, ext1521961-des-93b-1)

Consideremos agora, muito brevemente, a questão das estratégias alternativas de construção (de aceitação consensual), para o caso de se pretender evitar a combinação destes predicados com interrogativas polares, que obriga à omissão da preposição *de*. As estratégias são variáveis e dependem de cada predicado. Por exemplo, com *depende*, alternativas frequentes e bem aceites recorrem a uma oração infinitiva declarativa, como em (30).

- (30) a. #Tudo depende se é encontrado ou não financiamento.
b. Tudo depende de ser ou não encontrado financiamento.

Com *ter a certeza* e *certo/seguro*, alternativas também extremamente comuns recorrem (i) a completivas declarativas, curiosamente sem grande diferença na interpretação – cf. (31b) –, ou (ii) ao verbo *saber* combinado com adjuntos como *ao certo* ou *com certeza*, o que permite uma equivalência quase perfeita, preservando a interrogativa – cf. (31c).

- (31) a. #Não {tenho a certeza / estou certo / estou seguro} se ele vem.
 b. Não tenho a certeza de que ele venha.
 c. Não sei ao certo se ele vem.

Com *fazer ideia*, não parece haver alternativas muito simples. Uma que se pode ponderar, apesar de mais prolixa, passa por justapor uma frase com o verbo *saber* a outra com *fazer a ideia* sem complemento realizado – cf. (32b), ou simplesmente uma frase com *saber* acompanhado de um intensificador (como *mesmo*) – cf. (32c).

- (32) a. #Não faço (a mínima) ideia se ele vai ou não concorrer.
 b. Não sei se ele vai ou não concorrer. Não faço (a mínima) ideia.
 c. Não sei mesmo se ele vai concorrer.

3.2 Interrogativas-Q indiretas com constituintes interrogativos não preposicionados

No caso de interrogativas-Q com morfema interrogativo adjacente à preposição *de*, predomina, no registo jornalístico, a preservação da preposição, com taxas variáveis entre 77% e 100% conforme os predicados e entre 68% e 99% conforme os morfemas-Q. Observe-se o Quadro 2.

predicados da matriz		morfemas-Q							TOTAL	
		<i>qual</i>	<i>quem</i>	<i>o que</i>	<i>quanto / quão</i>	<i>que N'</i>	<i>onde / como / quando / porque</i>			
<i>depender</i>	<i>de</i>	3	57	197	17	4	99	377 (99%)	381	
	∅ _{de}	—	—	—	—	—	4	4		
<i>lembrar-se / esquecer-se / aperceber-se</i>	<i>de</i>	13	34	322	17	3	170	559 (77%)	729	
	∅ _{de}	8	13	8	9	2	130	170		
<i>fazer/ter (a mínima) ideia</i>	<i>de</i>	15	23	135	19	2	56	250 (89%)	281	
	∅ _{de}	1	5	1	2	1	21	31		

predicados da matriz		morfemas-Q							TOTAL	
		<i>qual</i>	<i>quem</i>	<i>o que</i>	<i>quanto / quão</i>	<i>que N'</i>	<i>onde / como / quando / porque</i>			
<i>ter (ADV)</i> <i>a certeza</i>	<i>de</i>	10	7	29	3	1	7	57 (93%)	61	
	∅ _{de}	1	—	—	—	1	2	4		
<i>certo / seguro</i>	<i>de</i>	4	2	26	1	—	1	34 (100%)	34	
	∅ _{de}	—	—	—	—	—	—	0		
TOTAL	<i>de</i>	45 (82%)	123 (87%)	709 (99%)	77 (88%)	10 (71%)	333 (68%)	1277 (86%)	1486	
	∅ _{de}	10	18	9	11	4	157	209		

Quadro 2. Omissão ou preservação da preposição *de* em interrogativas-Q indiretas complemento com constituintes interrogativos não posicionados dependentes de (e imediatamente adjacentes a) predicados verbais, nominais e adjetivais, no CETEMPúblico

Seguem-se dois exemplos ilustrativos da omissão de preposição, um de texto jornalístico e outro de texto (ficcional) traduzido:

- (33) “Depois, tudo depende como o médico ensina a fazer a auto-injecção e da terapia escolhida.” (CETEMPúblico, ext1467690-clt-soc-92b-1)
- (34) “Reconheci a marca [...], mas não fui capaz de me lembrar exatamente qual era.” (Peter Swanson, *Oito Crimes Perfeitos*, Clube do Autor, 2021, p. 208)

Como se pode ver no Quadro 2, há 1277 registos (86%) em que a preposição foi mantida⁹ vs. 209 registos (14%) em que ela foi omitida.¹⁰ Os verbos intrinsecamente pronominais *lembrar-se*, *esquecer-se* e *aperceber-se* ocorrem numa parte significativa dos casos de omissão de preposição *de*, sendo com eles que a taxa de omissão da preposição é mais elevada: 23%. Se considerarmos apenas os restantes cinco predicados pesquisados, os valores são: 718 registos (95%) com

9 Esporadicamente, observam-se haplogias (que não contabilizei como casos de supressão de preposição nestes quadros), principalmente em seqüências em que coincidiriam dois *de*, um selecionado pelo verbo da matriz e outro pelo verbo da interrogativa: “E tudo *depende de onde vem* a crítica da vanguarda [...]” (CETEMPúblico, ext1313941-clt-93a-1). Também pode haver haplogia da preposição *sobre*, mas é uma situação mais rara: “Para o governo russo não há *dúvidas sobre quem recai* a culpa neste conflito.” (CETEMPúblico, ext755549-pol-96b-2).

10 Note-se que muitos registos com supressão de preposição em texto jornalístico são reproduções de discurso direto, sendo pois representativos do registo oral informal. Mais de metade dos 53 exemplos do CETEMPúblico que não envolvem os advérbios interrogativos *onde*, *como*, *quando* e *porque* parecem ser claramente desse tipo.

preservação de preposição vs. 39 registos (5%) com omissão da preposição. Quanto aos morfemas interrogativos, os chamados advérbios interrogativos (*onde, como, quando, porque*) e *que* adnominal são os que mais ocorrem com a preposição precedente omissa (média conjunta de 32%) e *o que, quem* e *quanto/quão* os que menos ocorrem (média conjunta de apenas 4%). Assim, no mínimo, o que se pode dizer é que a liberdade total de realização ou não da preposição *de* nestes contextos, que Barbosa (2013) parece assumir, pode não ser consensual, pelo menos no tipo de registo que o texto jornalístico instancia.

Em textos literários, a omissão ocorre esporadicamente, com predomínio de sequências de discurso direto (isto é, representativas do registo oral) e – como no texto jornalístico – antes de advérbios interrogativos. Em pesquisas mais alargadas (nomeadamente, sem as restrições de adjacência absoluta dos elementos relevantes), encontrei 5 exemplos de supressão de *de* com *fazer ideia* e 46 com *lembrar-se* ou *esquecer-se* (e nenhum com os outros predicados):

- (35) “Não fazes ideia como está bonito cá fora; nalguns pontos ainda se vê neve.” (Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais*, 1868, in Vercial)

Para os três predicados de base nominal e os dois predicados adjetivais da seleção que estamos a considerar – *fazer (a mínima) ideia, ter (a mínima) ideia, ter (ADV) a certeza, certo, seguro* –, interessa ainda registar a substituição, possivelmente não totalmente canónica, da preposição *de* pela preposição *sobre* (uma substituição que também já tínhamos observado antes de interrogativas polares). Esta substituição ocorre apenas esporadicamente, como em (36) e (37). Não há qualquer registo de combinação de *sobre* com estes predicados no Vercial.

- (36) “O autor da gravação é [...] uma das grandes incógnitas [...] para os intervenientes, que dizem não fazer ideia sobre quem teria o gravador ligado.” (CETEMPúblico, ext429709-nd-96b-1)
- (37) “Não é muito comum hoje em dia encontrar uma nação que não está muito segura sobre qual será o nome do futuro Estado.” (CETEMPúblico, ext1173880-pol-93a-1)

3.3 Interrogativas-Q indiretas com constituintes interrogativos preposicionados

A combinação de interrogativas-Q com constituintes interrogativos preposicionados em adjacência a predicados que selecionam a preposição *de* é bastante infrequente, não legitimando generalizações muito categóricas quanto à (in)validade da supressão da preposição. Em todo o caso, predomina sem dúvida a omissão de *de*. Observe-se o Quadro 3.

predicados da matriz		constituente interrogativo							TOTAL
		P qual	P quem	P o que	P quanto / quão	P que N'	P onde / como / quando / porque		
<i>depende</i>	de	—	1	—	—	—	2	3	5
	∅ _{de}	—	2	—	—	—	—	2	
<i>lembrar-se / esquecer-se / aperceber-se</i>	de	—	1	—	—	—	1	2	30
	∅ _{de}	—	7	—	2	18	1	28	
<i>fazer/ter (a mínima) ideia</i>	de	—	—	—	—	—	—	0	9
	∅ _{de}	—	3	1	—	4	1	9	
<i>ter (ADV) a certeza</i>	de	—	—	—	—	—	—	0	2
	∅ _{de}	—	—	—	—	1	1	2	
<i>certo / seguro</i>	de	—	—	—	—	—	—	0	2
	∅ _{de}	1	—	—	—	—	1	2	
TOTAL	de	—	2	—	—	—	3	5	48
	∅ _{de}	1	12	1	2	23	4	43 (90%)	

Quadro 3. Omissão ou preservação da preposição *de* em interrogativas-Q indiretas complemento com constituintes interrogativos preposicionados dependentes de (e imediatamente adjacentes a) predicados verbais, nominais e adjetivais, no CETEMPúblico

Com as nove expressões predicativas selecionadas, há apenas 5 registos (10%) com preservação da proposição *de* – cf. (38)–(39). Já com omissão da proposição *de*, há 43 registos (90%) – cf. (40)–(41):

- (38) “Bem, agora aí depende de a quem é que não interessa.” (CETEMPúblico, ext1072377-eco-93a-1)
- (39) “Regressa a casa [...] moído [...] e nem se lembra de por onde andou.” (CETEMPúblico, ext518204-nd-91b-2)
- (40) “[...] a identidade geográfica é variável, depende com quem me estou a comparar.” (CETEMPúblico, ext1538279-soc-98b-2)
- (41) “O que isto mostra é que eles não estão seguros para onde querem ir [...].” (CETEMPúblico, ext939173-pol-98b-2)

As potenciais estratégias de construção alternativa serão discutidas na secção 5.

4 Orações interrogativas indiretas dependentes da preposição *sobre*

4.1 Interrogativas polares indiretas

Os resultados das pesquisas no CETEMPúblico estão indicados no Quadro 4.

		<i>de se</i>	<i>sobre se</i>	∅ <i>se</i>	TOTAL
<i>sobre</i> ou <i>de</i>	<i>informar</i> [SN _[± REFLEX] <i>sobre/de</i> F]	—	3 (10%)	26 (90%)	29
	<i>dúvida</i>	10 (2%)	369 (63%)	203 (35%)	582
	<i>pergunta / questão</i>	16 (7%)	116 (51%)	95 (42%)	227
TOTAL		26 (3%)	488 (58%)	324 (39%)	838

<i>sobre</i>	<i>questionar / interrogar</i> [SN _[± REFLEX] <i>sobre</i> F]		755 (65%)	400 (35%)	1155
--------------	---	--	-----------	-----------	------

Quadro 4. Omissão ou preservação da preposição *sobre* (ou *de*) em interrogativas polares indiretas complemento dependentes de (e imediatamente adjacentes a) predicados verbais, nominais e adjetivais, no CETEMPúblico

Como se pode verificar, ao contrário da sequência *de se*, a sequência *sobre se* é comum e geralmente não apresenta grandes dúvidas aos falantes. Ela ocorre globalmente em 63% dos registos com as seis expressões predicativas selecionadas. A taxa de omissão de preposição é de apenas 36%. São de assinalar duas diferenças face ao Quadro 1, que integra os predicados que apenas selecionam *de*: (i) a relativa frequência da sequência *de se* com predicados nominais (*dúvida*, *pergunta*, *questão*), totalizando 26 registos (3% dos registos com os três nomes em causa); (ii) uma frequência global muito mais elevada da combinação com interrogativas polares complemento. Embora as formas com e sem *sobre* estejam em forte competição (36% ∅ *se* vs. 63% *sobre se*), a presença de *sobre* parece ser preferida no registo escrito mais formal.

No Vercial (em pesquisas mais alargadas, nomeadamente, sem as restrições de adjacência absoluta dos elementos relevantes), encontraram-se 7 exemplos de *sobre se* (2 com *dúvida*, 3 com *questão*, 2 com *interrogar*) e 21 exemplos de ∅ *se* (8 com *dúvida*, 1 com *pergunta*, 9 com *informar*, 3 com *interrogar*). São valores curiosamente elevados de supressão de posições.

- (42) “Informou-se logo com bondade se o amigo Dias estava ali de visita ou infelizmente por motivo de doença.” (Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*, 1875, in Vercial)

4.2 Interrogativas-Q indiretas com constituintes interrogativos não preposicionados

Os resultados das pesquisas no CETEMPúblico estão indicados no Quadro 5.

predicados da matriz		morfemas-Q							TOTAL
		<i>qual</i>	<i>quem</i>	<i>o que</i>	<i>quanto / quão</i>	<i>que N'</i>	<i>onde / como / quando / porque</i>		
<i>informar</i> [SN _[±REFLEX] <i>sobre/de</i> F]	<i>de</i>	8	3	63	1	1	5	81 (56%)	144
	<i>sobre</i>	1	4	38	—	1	3	47 (33%)	
	∅	3	—	1	—	—	12	16 (11%)	
<i>dúvida</i>	<i>de</i>	6	7	9	2	1	10	35 (12%)	300
	<i>sobre</i>	49	85	86	6	5	31	262 (87%)	
	∅	—	—	—	—	—	3	3 (1%)	
<i>pergunta / questão</i>	<i>de</i>	11	46	20	9	—	55	141 (52%)	271
	<i>sobre</i>	18	25	40	4	5	20	112 (41%)	
	∅	—	—	14	—	—	4	18 (7%)	
TOTAL	<i>de</i>	25	56	92	12	2	70	257 (36%)	715
	<i>sobre</i>	68	114	164	10	11	54	421 (59%)	
	∅	3	—	15	—	—	19	37 (5%)	

<i>questionar / interrogar</i> [SN _[±REFLEX] <i>sobre</i> F]	<i>sobre</i>	77	41	196	12	21	75	422 (77%)	551
	∅	3	2	2	4	3	115	129 (23%)	

Quadro 5. Omissão ou preservação da preposição *sobre* (ou *de*) em interrogativas-Q indiretas complemento com constituintes interrogativos não preposicionados dependentes de (e imediatamente adjacentes a) predicados verbais, nominais e adjetivais, no CETEMPúblico

No caso dos quatro predicados que aceitam ambas as preposições (*informar*, *dúvida*, *pergunta*, *questão*), a prevalência de cada uma é bastante variável: *de* é maioritário com *informar* (81/128 = 63%) e *pergunta/questão* (141/253 = 56%) e minoritário com *dúvida* (35/297 = 12%). Com estes quatro predicados, a omissão de preposição tem uma prevalência global baixa: 37/715 = 5% (11% no caso de *informar*, 7% no caso de *pergunta/questão* e 1% no caso de *dúvida*). No Verbal, pesquisas mais alargadas (nomeadamente, sem as restrições de adjacência absoluta dos elementos relevantes), mostram que a combinação dos três predicados nominais (*dúvida*, *pergunta*, *questão*) com interrogativas-Q é muito infrequente (3 registos com *dúvida*, 1 com *pergunta*) e ocorre um pouco mais com *informar* (34 registos, sempre com preposição: *de* em 33 registos, *sobre* em apenas 1 registo).

No caso dos dois predicados que apenas aceitam a preposição argumental *sobre* (*questionar*, *interrogar*), a omissão da preposição apenas ocorre em números significativos – e é aliás maioritária – antes dos chamados advérbios interrogativos (*onde*, *como*, *quando*, *porque*): 115/190 = 61%. Com todos os outros morfemas interrogativos, a omissão é residual: 14/361 = 4%. A combinação destes dois verbos com interrogativas-Q é muito pouco frequente no Vercial: apenas foram encontrados 4 registos, 3 com preposição (antes de *quem*, *o que* e *como*) e 1, curioso, sem preposição (antes de *porque*), transcrito a seguir:

- (43) “Interrogados porque se acha agora desabitado [...] este reguengo de el-rei, [...] disseram que esses que «costumavam tê-lo por avoenga» [...] alienaram parte dele (...)” (Alexandre Herculano, *História de Portugal*, 1851, in Vercial)

Mais uma vez, com todos estes seis predicados, a omissão da preposição, minoritária no registo jornalístico, é porventura sentida como forma a evitar em registos escritos formais. Adicionalmente, a omissão pode gerar ambiguidades indesejáveis, principalmente com advérbios interrogativos homónimos de conjunções subordinativas adverbiais (e.g. *porque* ou *quando*), podendo ficar a dúvida sobre se se pretende uma interpretação como completiva interrogativa ou como subordinada adverbial.¹¹ Observem-se os seguintes exemplos construídos, ambíguos:

- (44) O político vai ser questionado porque não houve eleições. [leitura de completiva interrogativa – “vai ser questionado sobre porque é que não houve eleições” vs. leitura de subordinada adverbial – “vai ser questionado devido a não ter havido eleições”]
- (45) O político questionou-se quando começou a mudar. [leitura de completiva interrogativa – “questionou-se sobre quando é que começou a mudar” vs. leitura de subordinada adverbial – “questionou-se na altura em que começou a mudar”]

11 Obviamente, a ambiguidade só existe se não se usarem marcas características das completivas interrogativas que não ocorrem normalmente em subordinadas adverbiais, como e.g. *é que* ou inversão sujeito-verbo.

4.3 Interrogativas-Q indiretas com constituintes interrogativos preposicionados

Os resultados das pesquisas estão indicados no Quadro 6.

predicados da matriz		constituente interrogativo							TOTAL
		P <i>qual</i>	P <i>quem</i>	P <i>o que</i>	P <i>quanto / quão</i>	P <i>que N'</i>	P <i>onde / como / quando / porque</i>		
<i>informar</i> [SN _[± REFLEX] <i>sobre/de</i> F]	<i>de</i>	—	—	—	—	—	—	—	4
	<i>sobre</i>	—	2	—	—	—	—	2	
	∅	—	—	—	1	1	—	2	
<i>dúvida</i>	<i>de</i>	—	—	—	—	—	—	—	18
	<i>sobre</i>	—	8	—	—	5	1	14	
	∅	1	1	—	—	1	1	4	
<i>pergunta / questão</i>	<i>de</i>	—	—	—	1	—	—	1	7
	<i>sobre</i>	—	2	—	—	—	—	2	
	∅	—	1	—	—	2	1	4	
TOTAL	<i>de</i>	—	—	—	1	—	—	1 (3%)	29
	<i>sobre</i>	—	12	—	—	5	1	18 (62%)	
	∅	1	2	—	1	4	2	10 (35%)	
<i>questionar / interrogar</i> [SN _[± REFLEX] <i>sobre</i> F]	<i>sobre</i>	—	5	1	1	5	1	13 (36%)	36
	∅	—	1	—	1	21	—	23 (64%)	

Quadro 6. Omissão ou preservação da preposição *sobre* (ou *de*) em interrogativas-Q indiretas complemento com constituintes interrogativos preposicionados dependentes de (e imediatamente adjacentes a) predicados verbais, nominais e adjetivais, no CETEMPúblico

Como se pode observar, a combinação de interrogativas-Q com constituintes interrogativos preposicionados em adjacência a predicados que selecionam a preposição *sobre* (ou *sobre* e *de*) também é bastante infrequente, não legitimando generalizações muito categóricas quanto à (in)validade da supressão da preposição (cf. situação afim observável no Quadro 3). Em todo o caso, observam-se mais registos de *sobre* do que de *de* antes de constituintes interrogativos preposicionados: com *de*, 1 (além dos 5 referidos na secção 3); com *sobre*, 13 com predicados que só selecionam *sobre* e 18 com predicados que selecionam ambas as preposições. A taxa de omissão de preposição contígua a outra varia entre 90% com os predicados que só selecionam *de* (secção 3), 64% com predicados que só selecionam *sobre* e 35% com predicados que selecionam ambas as preposições.

5 Interrogativas encobertas como alternativa à contiguidade de duas preposições na fronteira de orações interrogativas indiretas

Os números extremamente baixos dos Quadros 3 e 6 acima mostram que os falantes tendem a evitar a justaposição de duas preposições na fronteira de orações interrogativas indiretas: uma preposição exterior (*de, sobre*), selecionada pelo predicado da frase matriz, e uma preposição interior, pertencente ao argumento ou adjunto que é objeto do movimento-Q interrogativo. Assim, frases como (46), que em minha opinião são gramaticais, são de uso infrequente.

- (46) a. Tudo depende *de até onde* conseguirmos chegar.
 b. As dúvidas *sobre até onde* conseguiríamos chegar assaltavam-nos.
 c. Questionámo-nos *sobre até onde* conseguiríamos chegar.

Uma estratégia comumente utilizada para evitar esta justaposição consiste, como já referimos, na supressão da preposição exterior, como em (47). Independentemente da aceitabilidade destas construções, que poderá variar de falante para falante, o que é certo é que a sua frequência, no registo que estamos a considerar, também é muito baixa.

- (47) a. Tudo depende *até onde* conseguirmos chegar.
 b. As dúvidas *até onde* conseguiríamos chegar assaltavam-nos.
 c. Questionámo-nos *até onde* conseguiríamos chegar.

As frases em (46) e (47) ilustram uma estratégia de construção sem recurso a interrogativas equativas, representada no Quadro 7 abaixo como tipo I, em duas colunas: a primeira coluna representa o subtipo de (46), isto é, duas preposições contíguas, e a segunda coluna representa o subtipo de (47), isto é, preposição exterior apagada na presença de outra preposição no constituinte interrogativo.

Importa notar que, ainda que as interrogativas com movimento-Q de SPs possam ser menos comuns que as interrogativas com movimento-Q de SNs, não parece haver razão para uma diferença de números tão significativa como a que se observa entre os Quadros 2 e 3 (1486 vs. 48 registos), de um lado, e os Quadros 5 e 6 (1266 vs. 65 registos), do outro. Podemos então perguntar-nos: qual é a estratégia a que os falantes normalmente recorrem quando na subordinada há um argumento ou adjunto preposicionado? Ora, há duas possibilidades, como já vimos no final da secção 2:

(i) [tipo II, no Quadro 7 abaixo] recorrer a orações interrogativas equativas com o morfema *qual* (com ou sem supressão do verbo copulativo) contendo um SN com um constituinte relativo (CREL) paralelo ao constituinte interrogativo (CI) das construções de tipo I, ou seja, (*de/sobre*) [_{INT} *qual* (SER) [_{SN} DEF N' [_{REL} [_{CREL} P morfema-Q_{REL}] ...]]]]; observem-se frases ilustrativas:

- (48) a. Tudo depende *de qual (é) o ponto até onde* conseguiremos chegar.
 b. As dúvidas *sobre qual (é) o ponto até onde* conseguiríamos chegar assaltavam-nos.
 c. Questionámo-nos *sobre qual (é) o ponto até onde* conseguiríamos chegar.

(ii) [tipo III, no Quadro 7 abaixo] recorrer a orações interrogativas equivalentes às de (48), mas com supressão do morfema *qual* e do verbo copulativo, ou seja, *de/sobre* [_{INT} *qual* *ser* [_{SN} DEF N' [_{REL} [_{CREL} P morfema- Q_{REL}] ...]]] (as chamadas “interrogativas encobertas”); observem-se frases ilustrativas:

- (49) a. Tudo depende *do ponto até onde* conseguiremos chegar.
 b. As dúvidas *sobre o ponto até onde* conseguiríamos chegar assaltavam-nos.
 c. Questionámo-nos *sobre o ponto até onde* conseguiríamos chegar.

As interrogativas equativas com *qual* do tipo de (48) também são muito pouco frequentes no CETEMPúblico. Elas estão subsumidas nas colunas do morfema *qual* nos Quadros 2 e 3. Analisando os 331 registos de *qual* referidos nesses dois quadros, observa-se que apenas 7 são construções do tipo em análise. Destas, 6 possuem a preposição (sempre *sobre*) realizada na matriz – cf. (50) – e 1 omite-a – cf. (51):

- (50) “[...] também subsistem dúvidas sobre qual era a igreja a que estava destinado.” (CETEMPúblico, par=ext477505-soc-97b-1) [cf. dúvidas (sobre) a que igreja estava destinado]
 (51) “[...] solicito que me informe qual o interessado a que alude e que, certamente por lapso, não vem indicado.” (CETEMPúblico, ext1435266-soc-94a-2) [cf. me informe (de/sobre) a que interessado alude]

Assim, conjectura-se – e a análise do CETEMPúblico confirma esta conjectura – que a construção com interrogativas (equativas) encobertas, ou seja, o tipo de (49), sejam as mais usadas pelos falantes.¹² Vejam-se dois exemplos, em (52) e (53).

- (52) “Este é [...] um exemplo de inúmeros casos em que muito depende da versão em que a polícia escolhe acreditar (...).” (CETEMPúblico, ext377314-soc-97a-1) [cf. *depende (de) em que versão a polícia escolhe acreditar; depende (de) qual (é) a versão em que a polícia escolhe acreditar*]
 (53) “Ao serem questionados sobre a frequência com que lêem revistas científicas [...], os portugueses respondem maioritariamente que «nunca».” (CETEMPúblico, ext245123-nd-97b-1) [cf. *questionados (sobre) com que frequência leem; questionados (sobre) qual (é) a frequência com que leem*]

12 O recurso a interrogativas encobertas com SNs contendo constituintes relativos não preposicionados também é frequente. Por exemplo, com *questionar* e *interrogar*, há 551 registos de interrogativas-Q com constituintes interrogativos não preposicionados (como indicado no Quadro 5) e 233 com interrogativas encobertas de tipo afim. Não contabilizei as ocorrências para os outros predicados.

O Quadro 7 regista o número de ocorrências das várias construções referidas, para um subconjunto de oito dos quinze predicados que têm estado em análise, no CETEMPúblico.¹³

predicados da matriz	tipo de construção interrogativa				TOTAL
	I interrogativas não equativas		II interrogativas equativas não encobertas	III interrogativas equativas encobertas	
	P ₁ <i>de/sobre/∅</i> [_{CI} P ₂ Q _{INT}]		P ₁ <i>de/sobre/∅</i> <i>qual (ser)</i> [_{SN} DEF N' [_{REL} [_{CREL} P ₂ Q _{REL}]...]]	P ₁ <i>de/sobre</i> <i>qual ser</i> [_{SN} DEF N' [_{REL} [_{CREL} P ₂ Q _{REL}]...]]	
	P ₁ = <i>de, sobre</i>	P ₁ elidida			
<i>depende</i>	3 _{de}	2	—	134 (98%)	139
<i>aperceber-se</i>	—	12	—	37 (63%)	59
<i>fazer/ter</i> (a mínima) <i>ideia</i>	—	11	—	6 (35%)	17
<i>dúvida</i>	14 _{sobre}	4	1 _{sobre}	25 (57%) [0 _{de} + 25 _{sobre}]	44
<i>informar</i> [_{SN} [_{±REFLEX} <i>sobre/de</i> F]	2 _{sobre}	2	1 _∅	22 (81%) [13 _{de} + 9 _{sobre}]	27
<i>questionar /interrogar</i> [_{SN} [_{±REFLEX} <i>sobre</i> F]	13 _{sobre}	23	5 _{sobre}	76 (65%)	117
TOTAL	32 (8%) [3 _{de} + 29 _{sobre}]	54 (14%)	7 (2%) [6 _{sobre} + 1 _∅]	300 (76%) [190 _{de} + 110 _{sobre}]	393

Quadro 7. Quatro estratégias de construção de interrogativas-Q indiretas complemento com constituintes interrogativos preposicionados dependentes de (e imediatamente adjacentes a) predicados verbais, nominais e adjetivais, no CETEMPúblico

Como se pode ver, a estratégia de construção de interrogativas não equativas com contiguidade de preposições representa apenas 8% do total das interrogativas relevantes. Há um total de 32 registos, 90% dos quais com a preposição *sobre*, como em (54).

(54) “[...] nunca me passou pela cabeça *informar-me sobre* com quem a PA prestava os serviços que assumia (...)” (CETEMPúblico, ext110703-pol-93b-1)

13 As pesquisas realizadas têm algumas limitações e poderão não detetar alguns exemplos relevantes, pelo que as percentagens de interrogativas encobertas poderão ser ligeiramente maiores. Em todo o caso, tenho confiança em que as pesquisas feitas detetam a esmagadora maioria dos exemplos relevantes. Foram procuradas sequências com o seguinte formato: predicado relevante + preposição relevante + artigo definido + nome + 0 a 5 palavras de intervalo + preposição simples + morfema relativo (*o qual, que, quem, quanto, onde e quando*).

A estratégia equivalente mas com apagamento da preposição exterior, evitando a contiguidade de duas preposições, representa 14% do total das interrogativas relevantes. Há um total de 54 registos, 70% dos quais (38) com *que* adnominal, como em (55); os restantes 16 registos envolvem os morfemas *quem* (9) (cf. (56)), *onde* (3), *quanto* (2), *qual* (1) e *o que* (1).

(55) “Poucos lisboetas se terão apercebido até que ponto os galegos radicados na capital participam na sua vida [...]” (CETEMPúblico, ext1057896-soc-91b-1)

(56) “Mário Rui não tem dúvidas a quem imputar as culpas pela situação criada.” (CETEMPúblico, ext965326-des-96b-1)

O recurso a interrogativas equativas não encobertas, como em (50)-(51) acima, é quase residual, representando apenas 2% do total das interrogativas relevantes (7 registos).

Finalmente, o recurso a interrogativas equativas encobertas, como em (52)-(53) acima, é fortemente predominante, com uma média de 76% do total das interrogativas relevantes (300 registos), ainda que com variações significativas consoante os predicados: entre 35% para *fazer/ter [a mínima] ideia*, a única expressão com que o recurso a interrogativas encobertas é minoritário, e 98% para *depende*. Dado este predomínio e a correspondente sensação de grande naturalidade para os falantes, compreende-se que o tradutor-legendador da sequência inglesa em (57), por exemplo, tenha optado por uma interrogativa encoberta no primeiro membro coordenado (em vez das alternativas apresentadas a seguir, entre parênteses retos):

(57) Ing. “Currently, there’s no information as to why she was abducted or how she was brought to safety.”

Port. “Ainda não temos informações *sobre o motivo pelo qual* foi raptada nem como foi salva.” (Legenda da série House of Ninjas, T1 E1) [cf. (*ainda não temos informações*) *sobre porque foi raptada / sobre por que motivo foi raptada / sobre qual o motivo por que foi raptada*]

6 Conclusões

Neste trabalho, analisou-se a tendência, muito discutida na literatura, para suprimir as preposições argumentais *de* e *sobre* antes de interrogativas indiretas complemento dependentes de predicados verbais, nominais e adjetivais. Partindo de uma seleção representativa destes predicados, que inclui quinze expressões de diferentes subtipos, e realizando pesquisas sistemáticas no *corpus* de texto jornalístico português CETEMPúblico, avaliou-se a competição de formas no registo escrito neutro e formal da variedade padrão do português europeu contemporâneo. Documentaram-se três tendências nestes registos, que poderão ser eventualmente tomadas como guia para opções estilísticas em situações em que a aceitação consensual dos leitores seja importante, como acontece, por exemplo, nas traduções publicadas. Por um lado, uma fortíssima tendência para preservar as preposições antes de interrogativas-Q (mais acentuada com morfemas-Q pró-SN do que com os chamados advérbios interrogativos, mas maioritária em ambos os

casos) – e.g. *o Pedro não tem a certeza de {quem / como} vai resolver o assunto*. Por outro lado, uma forte tendência para recorrer a estratégias de construção alternativas que garantam a não supressão de preposições quando estão presentes interrogativas-Q com constituintes interrogativos preposicionados – e.g. *o Pedro não tem a certeza das razões por que fracassou*, em vez de e.g. *o Pedro não tem a certeza (de) por que razões fracassou*. Finalmente, uma tendência para recorrer a estratégias de construção alternativas que também garantam a não supressão de preposições quando estão presentes interrogativas polares – e.g. *o ministro não tem a certeza de que a lei seja aprovada* ou *o ministro não sabe ao certo se a lei será aprovada* em vez de *o ministro não tem a certeza se a lei será aprovada; isso depende de haver ou não quórum*, em vez de *isso depende se há ou não quórum*.

Como já foi referido, este trabalho considera predominantemente questões que podem ser consideradas do plano estilístico, visto não existir estrita agramaticalidade em nenhuma das grandes combinações em apreço. A discussão destes dados pode ser particularmente interessante para os utilizadores da língua, por exemplo, tradutores, que, confrontados com diferentes possibilidades de codificação da informação, pretendam optar informadamente por aquelas que terão potencialmente melhor aceitação entre os seus leitores.

Referências bibliográficas

- Baker, C. L. (1968). *Indirect questions in English*. PhD Dissertation. University of Illinois.
- Barbosa, P. (2013). Subordinação argumental finita. In E. P. Raposo *et al.* (Orgs.), *Gramática do Português* (pp. 1819–1897). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Barbosa, P.; Santos, P.; & Veloso, R. (2013). Tipo de frase e força ilocutória. In E. P. Raposo *et al.* (Orgs.), *Gramática do Português* (pp. 2515–2586). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brito, A. M. (2003). Frases interrogativas. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, & I. Faria *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*, 5.^a edição, revista e aumentada (pp. 460–479). Lisboa: Editorial Caminho.
- Huddleston, R. (2002). Content clauses and reported speech. In R. Huddleston, & G. K. Pullum, *The Cambridge Grammar of the English Language* (pp. 947–1030). Cambridge, Cambridge University Press.
- Peres, J. A.; & Móia, T. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Ross, J. R. (1969). Guess who? In R. Binnick, A. Davison, G. Green, & J. Morgan (eds.), *CLS 5: Papers from the fifth regional meeting of the Chicago Linguistic Society* (pp. 252–286). Chicago: Chicago Linguistic Society.

Corpora consultados

[BNC] British National Corpus <<https://www.english-corpora.org/bnc/>>

[CETEMPúblico] Corpus CETEMPúblico 2.0 v. 12.2 <<http://www.linguateca.pt/ACDC/>>

[Vercial] Corpus Vercial v. 16.7 <<http://www.linguateca.pt/ACDC/>>



This work can be used in accordance with the Creative Commons BY-SA 4.0 International license terms and conditions (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/legalcode>). This does not apply to works or elements (such as images or photographs) that are used in the work under a contractual license or exception or limitation to relevant rights.